

3º DOMINGO APÓS PENTECOSTES

TEXTO: MATEUS 9.35-10.8

O TEMA

Tratamos aqui do 3º Domingo após Pentecostes. Nas leituras selecionadas, o que salta aos olhos é a **misericórdia revelada de Deus**. Deus se mostra misericordioso e gracioso para com o seu povo, tratando-o com imerecido e salvador amor. Essa misericórdia tem a sua máxima expressão em Cristo Jesus, o Messias prometido e enviado. O “outro Consolador”, enviado pelo próprio Cristo (João 14.16-17) convence o pecador arrependido, por meio do dom da fé, de ser alvo da graciosa misericórdia de Deus revelada no seu Filho unigênito.

AS LEITURAS

• Salmo 100

Um Salmo de ações de graças, um convite ao louvor ao Senhor. Louvar ao Senhor é fruto do reconhecimento de quem Deus é e de quem nós somos: “foi Ele quem nos fez, e dele somos; somos o seu povo e rebanho do seu pastoreio” (v. 3).

O Senhor se mostra bondoso e misericordioso ao seu povo e, ao contrário do povo, a fidelidade de Deus perpassa gerações. O Salmo 100 conclama todos a perceberem e reconhecerem o Senhor em sua bondade e “celebrar com júbilo ao Senhor”.

• Êxodo 19.2-8

O Senhor Deus escolheu Israel para ser o seu povo e por meio dele suscitar a poderosa salvação, no Messias prometido e enviado na plenitude do tempo. É o próprio Deus quem santifica o seu povo por sua Palavra e por sua lei, mediante a aliança que faz com Israel.

Esta aliança é escancarada ao mundo em Cristo, a nova aliança, firmada sobre o seu próprio sangue inocente derramado por amor a pecadores. A promessa solene do povo é uma resposta ao amor de Deus que cuida, perdoa e salva.

• **Romanos 5.6-15**

O apóstolo Paulo evidencia a dinâmica das ações de misericórdia do Senhor Deus: o ser humano, morto em si por causa da sua transgressão contra o Deus da vida, é alcançado amorosamente pelo Autor da vida, o Cristo prometido, que se estende a sua mão para tirar pecadores de suas sepulturas e dar a vida verdadeira por meio do perdão dos pecados.

Reconciliados com Deus em Cristo, sendo tornados justos pelo seu sangue, Deus nos mostra a sua graça abundante por meio do seu Filho Jesus Cristo.

• **MATEUS 9.35-10.8**

Jesus Cristo é a misericórdia e o amor de Deus encarnados; Ele é a pura manifestação da graça de Deus. No pleno exercício da misericórdia divina, Cristo vê as multidões e tem compaixão das pessoas, literalmente, seu coração fica agitado por elas (LENSKI, p. 382).

Para esta grande seara, aqueles em que a obra da graça de Deus frutificará (LENSKI, p. 384-5), Cristo envia os seus discípulos com a sua autoridade para curar, expulsar demônios e pregar o reino dos céus para as ovelhas perdidas da casa de Israel.

Jesus envia os seus discípulos como “pequenos Cristos” (Lutero) para a seara, sendo eles mesmos espelhos da graça e da misericórdia de Deus que “tabernacula” no meio do seu povo na pessoa de Cristo. Assim como eles foram alcançados pela graça imerecida de Deus gratuitamente, assim também Cristo os envia a anunciar esta graça a quem está perdido.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Como pontuado anteriormente, em todas as perícopes é clara a ação misericordiosa de Deus para com o seu povo que o Senhor deseja salvar. É no Senhor Deus, movido por seu amor sem igual, que a dinâmica da salvação do ser humano pecador começa. A sua misericórdia, ao tratar com amor imerecido o pecador indigno, se escancara na graça que Cristo mostra ao mundo ao consumir a obra redentora e vicária na cruz e ressuscitar no terceiro dia.

O conhecimento da ação misericordiosa de Deus, ao perceber isto em sua vida, por meio da fé operada pelo Espírito Santo no coração do pecador, o move a louvar o Senhor que é bom, cuja fidelidade e misericórdia perduram de geração em geração.

COMENTÁRIOS EM MATEUS 9.35-10.8

V. 35: E Jesus percorria todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do Reino e curando todo tipo de doenças e enfermidades.

Mateus aqui repete o que escreveu no capítulo 4.23, com algumas pequenas diferenças nos verbos empregados. Nesse ínterim, dos capítulos 5 ao 9, Mateus relata aquilo que constitui essencialmente o ministério constante de Cristo: pregação, ensinamento e milagres (LENSKI, p. 382).

V. 36: Ao ver as multidões, Jesus se compadeceu delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor.

O aoristo empregado por Mateus em seu relato indica algum tempo passado específico, isto é, estando, provavelmente, em uma elevação com os doze discípulos, Jesus vê as multidões afluindo de várias direções em direção a ele.

ἐσπλαγγνίσθη traduz-se por compadecer-se. No sentido bíblico, significa, literalmente, “ter as suas vísceras revolvidas, pulmões, coração e fígado, que são considerados o local dos sentimentos, tais como amor, piedade, etc.” (LENSKI, p. 382).

Ou seja, Jesus olha e vê aquelas pessoas. Não apenas um olhar casual, desinteressado; mas um olhar de misericórdia e compaixão. Um olhar que parte do coração do Salvador Jesus. Exatamente por isso, Jesus sabe que aquelas pessoas sofrem “como ovelhas que não têm pastor”. Sua condição é representada pelo verbo perfeito ἐρριμμένοι, que indica “estar lançado ao chão e sem esperança”; exausto. As multidões se mostram perdidas, dilaceradas.

Aquela cena tem um motivo: aquelas ovelhas estão sem pastor. Jesus mesmo escancara isso. Os “pastores” que aquelas pessoas tinham não eram pastores, o que é muitas vezes pior do que não ter nenhum pastor. Suas almas não recebiam alimento e cuidado

espiritual saudáveis; estavam abandonadas. Quem cuidaria delas? Mateus deixa claro a compaixão de Jesus ao ordenar seus discípulos que clamem por mais trabalhadores.

V. 37-38: Então Jesus disse aos seus discípulos: — A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. Por isso, peçam ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara.

Por “seara”, Jesus não fala das multidões, mas sim indica todos aqueles em quem a obra da graça de Deus dará frutos. E esta seara, esta colheita, é polu,s,, abundante, o número dos que serão salvos é grande.

Por isso, Jesus fala dos trabalhadores. Até este momento, Jesus apenas trabalhava na colheita, anunciando o reino dos céus, ensinando com autoridade, operando milagres, curas e a fé no coração dos pecadores. Nesse tempo, seus discípulos aprenderam com o seu Mestre e agora estavam prontos para ajudá-lo.

Em Mateus 3.12, na proclamação de João Batista, Jesus pode ser considerado o dono da seara. Aqui, Deus é o “Senhor da seara”, o seu Κυρίου, não apenas o dono, mas aquele que administra completamente a seara. Deus colocou esta seara e a sua colheita nas mãos de Cristo e agora Jesus conclama seus discípulos a ajudá-lo, não apenas colocando as “mãos à obra”, mas também orando a Deus para que mande mais trabalhadores.

Algo chama a atenção: Jesus não ordena os seus discípulos a arranjarem mais trabalhadores, mas a pedirem a Deus por eles. Deus é quem, da sua forma e de acordo com a sua santa vontade, buscará e enviará os trabalhadores à seara. Como discípulos de Cristo, também nós oramos e suplicamos ao Senhor da Seara por mais trabalhadores.

V. 10. 1: Tendo Jesus chamado os seus doze discípulos, deu-lhes autoridade sobre espíritos imundos para os expulsar e para curar todo tipo de doenças e enfermidades.

LenSKI destaca que o “chamado” que Jesus faz aos seus discípulos aqui não deve ser entendido em seu significado ordinário, mas que Jesus chama os discípulos diante de si com uma finalidade: “aqui os Doze são chamados a estar na frente de Jesus a fim de receber o seu comissionamento” (LENSKI, 387).

Esse comissionamento dos discípulos se fundamenta na poderosa ἐξουσίαν, *autoridade*, sobre espíritos imundos, termo que denota não apenas o poder em si, a autoridade de Cristo, mas também o direito para usar este poder, exatamente, para expulsar espíritos imundos.

A autoridade que Jesus concede aos seus discípulos também objetiva que seus discípulos sejam agentes da misericórdia de Cristo ao curar pessoas de todo tipo de enfermidades e doenças.

Jesus, então, entrega aos seus doze discípulos o poder que ele possuía, para libertar pessoas de possessões demoníacas e curá-las de todo tipo de moléstias. Para Lenski, a concessão [por Cristo] desta ‘autoridade’ sobre os Doze e sobre os setenta (Lc 10.17-20) revela a sua divindade (LENSKI, 388).

V. 2-4: Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: primeiro, Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, que foi quem o traiu.

O objetivo aqui não é o estudo exaustivo acerca de cada um dos discípulos de Jesus – o que poderia ser feito devidamente em outro estudo.

De forma bastante geral e, falando sobre o grupo, os Doze, é importante destacar que ἀποστόλων deriva de ἀποστέλλω, *comissionar*, verbo que é geralmente usado por Jesus para definir a missão que ele mesmo recebeu do Pai, indica muito mais do que apenas um servo enviado para entregar uma mensagem: indica um representante devidamente habilitado, empoderado, um embaixador que age por e em nome de seu senhor ou rei.

Aquí, “apóstolos” indica apenas este grupo definido de discípulos, aqueles que receberam um chamado imediato do próprio Cristo e isso é destacado por causa do trabalho futuro destes homens na igreja, quando seus escritos constituirão a base doutrinal da igreja e serão autoridade para ela (LENSKI, 389).

V. 5-6: Jesus enviou esses doze, dando-lhes as seguintes instruções: — Não tomem o caminho que leva aos gentios, nem entrem nas cidades dos samaritanos, mas, de preferência, procurem as ovelhas perdidas da casa de Israel.

Mateus, tendo ouvido integralmente o comissionamento do qual Jesus encarrega seus discípulos, descreve aqui a completa missão apostólica dos Doze, ali, naquele momento, na Galileia, e, finalmente, em todo o mundo.

Primeiro, Jesus dá aos seus discípulos as instruções preliminares sobre a missão deles na Galileia (v. 5). Os genitivos empregados no texto indicam possessão: uma estrada que pertencia aos gentios e uma cidade pertencente aos samaritanos; estes deveriam ser evitados por agora. O tempo para a evangelização abrangente ainda não havia chegado. O que Jesus faz com a mulher samaritana (Jo 4) e com alguns gentios (Mt 8.5) e o que ensinou sobre a salvação de todas as pessoas era profético, algo que aconteceria em dias futuros (LENSKI, 391).

Os discípulos devem ir aos judeus. “As ovelhas perdidas da casa de Israel” são as ovelhas que devem estar no rebanho mas que estão longe de seu Pastor. Assim, todo esforço deve ser feito para que essas ovelhas sejam restauradas ao rebanho. Lenski, entretanto, demonstra que o participio empregado no texto, *ἀπολωλότα*, *perdidas*, denota mais do que simplesmente se dar conta de que estas ovelhas estão desgarradas. Elas estão em uma condição de perdição porque a si mesmo se colocaram nesta condição; por suas ações trouxeram isso sobre si e carecem de ajuda e restauração.

O amor de Deus fica escancarado aqui: Cristo envia seus discípulos para buscar as preciosas ovelhas do povo que Deus escolheu. “Casa de Israel” é a expressão usada no Antigo Testamento para a nação escolhida, que descende de Jacó, que Deus chamou Israel. Estas ovelhas preciosas, mas que estão perecendo, devem ser buscadas antes de tudo.

V.7: Pelo caminho, preguem que está próximo o Reino dos Céus.

Publicamente, κηρύσσετε, os discípulos devem anunciar o reino de Deus; esta é a sua missão, o trabalho principal daqueles Doze. Eles devem continuar o que João Batista começou (Mt 3.2) e Jesus continuou (Mt 4.17) (LENSKI 392).

Essa proclamação aponta, necessariamente, para Cristo, pois o reino de Deus é governo da graça e do poder e este reino está em progresso em Jesus, o Rei, aquele que é a própria instituição deste reino no meio do povo.

V. 8: Curem enfermos, ressuscitem mortos, purifiquem leprosos, expulsem demônios. Vocês receberam de graça; portanto, deem de graça.

O poder fazer estes milagres e sinais maravilhosos já foi concedido por Cristo aos Doze no versículo 1; agora, Jesus reforça e lhes diz que eles devem colocar em prática este poder.

Penso que este reforço que Cristo faz aos discípulos tem a finalidade de destacar o que Jesus afirma na sequência: “de graça receberam, de graça deem”. Os maravilhosos presentes concedidos por Cristo primeiramente aos discípulos, devem ser oferecidos e dados de graça, sem nenhuma cobrança ou pagamento de qualquer tipo.

Lenski destaca que essa condição de gratuidade se aplica à totalidade da missão dos Doze, também e especialmente no futuro. Por isso mesmo a ressurreição dos mortos é mencionada por Jesus no início deste reforço. O Salvador está olhando para mais longe do que apenas esta viagem missionária que os discípulos estavam prestes a começar (LENSKI, 393).

SUGESTÕES

São muitos e importantes os temas que decorrem dos trechos bíblicos selecionados para o 3º Domingo após Pentecostes – cada trecho fundamentaria pelo menos uma boa pregação sobre eles.

Entretanto, como já indicado, **a misericórdia de Deus** expressa em suas ações para com o seu povo e, principalmente, em seu Filho Jesus Cristo, é o tema destacado aqui neste estudo. Deus se achega de seu povo para tratá-lo com bondade e misericórdia, mesmo que ele seja constituído por ovelhas que se perderam por sua própria culpa, mas que ainda são preciosas aos olhos do Senhor. Por isso mesmo, o próprio Senhor Deus envia o Bom Pastor Jesus para **buscar** as suas ovelhas perdidas. Nessa busca, ele fará o que apenas o Messias prometido pode fazer: dar a sua vida em resgate por essas ovelhas.

Em seu ministério, Cristo vai comissionar, encarregar, os seus discípulos de anunciarem o reino de Deus que *tabernaculou* no meio do seu povo com a autoridade que vem do próprio Cristo, ao curar doentes, expulsar espíritos imundos e ressuscitar mortos. A expressão “pequenos Cristos” de Lutero se encaixa perfeitamente nesta ocasião.

Falamos aqui do período de Pentecostes e, nele, ressaltamos especialmente a ação do Espírito Santo enviado por Cristo para fazer ovelhas perdidas e condenados **crerem** e serem salvos. É o Espírito Santo que convence e consola o mundo ao apontar para o Bom Pastor Jesus.

É esse mesmo Espírito Santo – que nos faz ver a misericórdia de Deus em Jesus – que nos dá condições e nos faz viver essa misericórdia também em nossa vida, que é nova a partir do Batismo. No Batismo, somos **restaurados** ao rebanho de Cristo, pois o próprio Deus vem pessoalmente nos buscar com a sua maravilhosa graça. É ali que o Espírito Santo nos torna discípulos de Cristo, comissionados a viver e anunciar aquilo que Cristo fez por todos na cruz; nos permite “**dar gratuitamente porque gratuitamente recebemos**”, por meio das boas obras que Deus de antemão preparou para que andássemos nelas (Ef 2.10).

Também, é o Espírito Santo que nos dá, no Batismo, a certeza de sermos **reconciliados** com Deus por meio de Cristo. Deus usou de misericórdia para nos tirar da condenação que nós mesmos trouxemos sobre nós e, por amor, lançou a nossa condenação e sua ira sobre nosso pecado na cruz de seu Filho Jesus Cristo. E na Palavra de Deus, perdão e sacramentos, nos meios da graça, somos sempre de novo lembrados e fortalecidos nesta certeza.

Não mais inimigos, mas em Cristo, ovelhas restauradas pelo amor, perdoadas pela graça e salvas pela misericórdia. É assim que nossa vida, restaurada e reconciliada com Deus, se torna um louvor ao Senhor, ao seu amor, à sua fidelidade e à sua misericórdia que perpassa gerações e que dura para sempre!

SUGESTÕES DE TEMAS:

- “Alcançados pela misericórdia de Deus”
- “Alvos da graça divina”
- “Reconciliados por misericórdia”

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Bíblia de Estudo da Reforma. Barueri, SP. Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

Novo Testamento interlinear grego-português. Barueri, SP. Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

LENSKI, R. C. **The interpretation of St. Matthew's Gospel.** Minneapolis, Minnesota. Augsburg Publishing House. 1964.

GIBBS, Jeffrey A. **Matthew 1:1 – 11:1,** Concordia Commentary. Saint Louis, Missouri. Concordia Publishing House. 2006.